

AS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS NA FASE DE NOSSA FORMAÇÃO

*Prof. Eduardo José Soares Fernandes,
Encarregado do Serviço Auxiliar de
Organização e Planejamento Escolar
da Faculdade de Filosofia, Ciências
e Letras de Sorocaba.*

As necessidades psicológicas e fundamentais, na fase de nossa formação são, entre outras: afeto, segurança, recreação, social, sexual.

A necessidade de *afeto* na infância tem caráter monopolizador: as crianças, que são egocêntricas por natureza, até pelo mau comportamento forçam os adultos a se ocuparem delas.

O primeiro mandamento, também no campo educacional, é: amar. Na meninice, embora prevaleça ainda o caráter captativo, já surge o aspecto oblativo do amor. Depois, quanto mais avança a idade e na adolescência (se ocorrer normal o processo de maturação psicológica), o caráter oblativo do afeto deve ir se sobrepondo ao captativo: é a preocupação pelo outro, pelo companheiro, pelo amigo, pelo namorado. Isso também é necessidade de dar, mais que receber.

Além disso, o adolescente precisa de *amor-compreensão*. É preciso educá-lo para o amor.

Outra, ligada à primeira, é a necessidade de *segurança*. A criança, na fase da infância e da meninice, só se sente segura em função de alguém (hêtero-segurança) e é importantíssimo que se sinta amparada, que se sinta segura para seu bom desenvolvimento (segurança moral e material). Precisa de amparo, precisa de proteção afetiva e efetiva.

Entre os direitos da criança a O.N.U. inscreveu, além do afeto, o ambiente de segurança (1959); estes predicados só poderão florescer no lar bem constituído, harmonioso, estável, onde haja a presença física e educativa dos pais.

Na adolescência já nasce a autosuficiência; o rapaz e a mocinha vão ganhando confiança em si. É preciso educá-los para a autonomia.

A necessidade de *recreação*, também chamada *lúdica*, é outra de primeira grandeza. Manifesta-se desde os primeiros meses de vida. Precisa a criança de movimento, precisa de es-

paço, precisa de brinquedo. Para saciar essa *fome de brincar* deve-se-lhe dar bastante espaço e bastante tempo para brincar. O jogo, além de fator de desenvolvimento das atividades motoras, desempenha relevante papel educativo para o menino ou menina. Tem valor inestimável por despertar o interesse e o respeito eplo outro, o sentido grupal, por ensinar a viver na comunidade, a ganhar e a perder, a obedecer às normas de conduta; em suma: por formar o caráter. O mesmo se diga com relação ao sadio lazer, em grupos, para a adolescência.

É contraproducente, é contrasenso provar do brinquedo, jogo ou lazer adequados, na proporção que necessitam, aqueles que se encontram no final da meninice ou no despontar da adolescência, mandando-os trabalhar, mesmo que o pretexto se-ja encaminhá-los para a vida.

A necessidade social, também assume diferentes formas no desenrolar da existência, sendo que o círculo inicial, assás restrito (família), vai se alargando a pouco e pouco. - Vêm depois os amiguinhos, os vizinhos; mais tarde a escola, a professora, os colegas. E assim cada vez mais se expande.

As amizades transitórias da meninice seguem-se aquelas mais duradouras da adolescência, cujas tendências são marcantemente grupais. Os mocinhos e mocinhas buscam, em comunidades fora do lar, a satisfação da necessidade social e procuram tornar-se cada vez mais independentes com relação à autoridade, enquanto ficam mais e mais dependentes com relação ao grupo: só agem de conformidade com o grupo, procuram pensar, - falar, vestir-se, portar-se como grupo fala, pensa, veste-se e porta-se. Isto é absolutamente normal e essa característica psicológica deve ser respeitada (dentro do tolerável). Vemos-país e educadores, quanta vez, preocupados em investir contra muitos comportamentos desses, totalmente secundários ou acidentais, olvidando-se do essencial ou invertendo a hierarquia de valores... Para satisfação da necessidade social do adolescente muito contribuirá o lazer, a diversão em grupo.

Quanto à necessidade sexual. Na fase prégenital - (infância e meninice) deve ser satisfeita a curiosidade nas-cente de maneira sempre verdadeira, autêntica e oportuna, respeitando o grau de maturidade. Não se esperará a fase genital propriamente dita (adolescência), quando ocorre a maturação - fisiológica, para informar e formar.

Além do temperamento (maneira como em cada homem -

se organizam as necessidades, ou instintos, e as emoções), - dois outros dinamismos psicológicos devem ser abordados: a inteligência e a vontade.

1. *Inteligência*: muitas são as funções intelectivas mas, de - forma ampla, pode-se dizer que *inteligência* é a faculdade do homem pelo qual ele *conhece*. Na infância, como na *meninice*, ela é notoriamente *crédula*, *sensível*, *concreta*, *fantasista*. O educador precisa aproveitar a fase dos por ques na qual a criança é *crédula* e *lhe* é de todo dependente - - (também sob o ângulo psicológico), para orientar. Guia-se ela pelos maiores. Para ela o que o pai, a mãe, a professo ra dizem é o *infalível*, é a *idade de ouro* para os conselhos para a formação dos bons hábitos. Nessa idade, outrossim, - começa a desabrochar o senso ético, principiando a distin- ção entre o certo e o errado.

Já na adolescência amadurece para a introspecção, - é capaz de se concentrar, deduzir, induzir, realiza julga- mento moral.

2. *Vontade*: esta, por fim, é a faculdade do homem de *querer*, - de *dirigir-se*. O homem dirige-se pela vontade. Nula na in- fância, começa a surgir na *meninice*, embora *débil*. O meni- no, por vezes, já sabe o que deve ou não fazer, mas nem - sempre consegue, pela fraqueza de sua vontade, dirigir-se de acordo com aquele entendimento. Os educadores (termo - sempre tomado no sentido lato) devem, pois, guiá-los.

A vontade propriamente dita surge apenas na tercei- ra fase educativa. Então é preciso ensinar o adolescente a *fazer o que deve e querer o que faz*.

Concluindo:

Educar é formar integralmente a personalidade do - educando: é fazer com que sua *inteligência* saiba conhecer e sua *vontade* querer o melhor caminho e, por ele, dirigir- os instintos e emoções (*temperamento*).

O papel do educador é tão sublime quão difícil, - Grande, sua responsabilidade. Dele, muito depende o futuro de seus educandos. Conhecendo-lhes as características de sua per sonalidade, suas necessidades primordiais e como atendê-las, - de acordo com o grau de seu desenvolvimento, por certo estará procurando fazê-los *ADULTOS, MADUROS e FELIZES*.

JOVENS E VELHOS
=====

Profa. Cecília Marly de Sá Celanti.

Tanto nas reflexões de senso comum, como nas reflexões sistemáticas de ciência e filosofia, tem se falado num fenômeno característico desse nosso século: o processo dinâmico - e assustadoramente acelerado de mudança.

Os pais queixam-se que *"tudo está mudado"*...; os filhos exclamam e exigem: *"as coisas mudaram"*...; os padres preocupam-se com o rumo das mudanças e suas conseqüências; os professores sentem que algo precisa ser feito, sentem que há uma inconsciência entre as suas proposições e as exigências reais e sentem mais de perto que a indisciplina, um sintoma de crise, - tem desintegrado todo o seu trabalho.

Uma reflexão psicossociológica das relações interpessoais na Família, Igreja ou Escola, provará que as idéias - evoluíram, mudaram, e elas - as estruturas que as concretizam - estão em defasagem e os sintomas da crise estão incomodando a todos. Especialmente se tem sentido necessidade de reformular a maneira de perceber a função e o desempenho dos papéis do pai, padre ou professor.

A dúvida comumente levantada é: que desencadeará o processo de ajustagem entre idéias e estruturas? É a estrutura ou a mentalidade que precisa mudar? Na verdade, ambas são aspectos de um mesmo dinamismo. Novas estruturas possibilitam a concretização de novas idéias, como também novas mentalidades possibilitam e exigem a mudança nas estruturas. Então, nada pode ser feito? O homem é ou não agente histórico? Como nós educadores podemos cooperar?

Na realidade, há sempre algo que é básico ou essencial, e aqui *consiste em se ter CONSCIÊNCIA da realidade subjetiva e objetiva.*

Se cada um de nós encarna a estrutura e concretiza a idéia, é em cada um de nós que se dá a própria mudança. É preciso abandonar a atitude de quem se tranquiliza só em constatar que tudo mudou, ou que tudo está errado, ou que *alguém* precisa fazer algo..., colocando fora de seu mundo as causas e efeitos e responsabilidades.

Cada um de nós precisa, então, fazer uma auto-análise de quanto está envolvido e é responsável pela mudança. Ou es

tamos inseridos de fato nela, ou não pertencemos a esta era. - *"Estar inserido"* se concretiza a cada momento da vida. Em cada contato pessoal, meu comportamento expressa o quanto eu tenho - consciência dessa inserção. Fundamentalmente estou inserido e - começo a cooperar na atualização das estruturas, se descobrir - em que medida eu possibilito a mudança em mim, nos outros, e na história.

Assim é que falamos em *"velhos"* e *"jovens"*. O *"jovem"* não importa a idade que tenha, é o sujeito que está disponível - psicologicamente à mudança. Coloca em dúvida aquilo que tem acreditado e cresce na compreensão da verdade. Ele percebe o movimento dialético de mudança como característica inerente aos fatos. Está por isso sempre disponível ao diálogo porque sabe que a verdade não é absoluta e pronta, mas que a descobrimos através de progressivas percepções e *"insight"*.

O *"velho"*, por outro lado, é o sujeito, não importa a idade que tenha, que é estruturado (é o *"quadrado"*, segundo - os adolescentes). Ele formou *"juízos"* sobre as coisas, que não-mais se atualizaram. O mundo girou, mudou e ele está parado... - Recusa-se a ouvir novas idéias, porque está preso às que tem, e não as põe em dúvida. *Na verdade, nunca está disponível ao diálogo.* Ele é dogmático e aparenta uma segurança intocável.

Portanto, uma primeira tomada de posição consiste - numa introspecção sobre a nossa disponibilidade para mudar interiormente, e conseqüentemente aceitar a mudança objetiva. *A saída está em se tornar "jovem", buscar o diálogo, crescer indefinidamente...*

=====